

Expansão lexical em Libras no contexto do coronavírus

Lexical expansion in Libras in the context of coronavirus

Alexandre Melo de Sousa¹

João Renato dos Santos Junior²

Israel Queiroz de Lima³

Resumo: O presente artigo versa sobre a expansão lexical da Língua Brasileira de Sinais – Libras, a partir da análise de ocorrências neológicas emergentes no contexto da pandemia, decorrente do Novo Coronavírus, e tem o propósito de descrever os processos inerentes à criação dos referidos sinais. Os dados, coletados em 4 vídeos oficiais do Ministério da Saúde e 1 vídeo da TV Cultura (*YouTube*), foram armazenados em *Fichas Lexicográfico-Neológicas* e analisados segundo a estrutura fonológica, a estrutura morfológica e a iconicidade. A fundamentação teórica está ancorada nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), Alves (1994; 2007), Quadros (2019), Taub (2001), Perniss (2007) e Sousa (2019). Foram selecionados os seguintes sinais: CORONAVÍRUS, ÁLCOOL EM GEL, ISOLAMENTO DOMICILIAR, CIRCULAÇÃO DE PESSOAS e PANDEMIA. Esses sinais apresentaram formações simples (CORONAVÍRUS, CIRCULAÇÃO DE PESSOAS e PANDEMIA) e compostas (ÁLCOOL EM

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, com estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de Linguística e Linguística Aplicada à Língua Brasileira de Sinais (Graduação e Pós-graduação) da Universidade Federal do Acre. E-mail: alexlinguista@gmail.com

² Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Acre. Professor de Linguística Aplicada à Língua Brasileira de Sinais da Universidade Federal do Acre. E-mail: joao.junior@ufac.br

³ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Acre. Professor de Libras da Universidade Federal do Acre. E-mail: israel.lima@ufac.br

GEL e ISOLAMENTO DOMICILIAR). As características icônicas mostraram como a experiência visual do surdo se projeta nos articuladores a partir da forma esquemática do referente prototípico, com base em uma combinação de parâmetros, cujas configurações de mãos e movimentos, na maioria das vezes, representam os aspectos mais relevantes na codificação do item lexical. O estudo destacou, ainda, a relação entre iconicidade e metáfora na criação dos novos itens lexicais.

Palavras-chave: Expansão Lexical; Língua de Sinais Brasileira (Libras); Covid-19.

Abstract: *This article is about the lexical expansion of the Brazilian Sign Language – Libras, from the analysis of emerging neological occurrences in the context of the pandemic, resulting from the New Coronavirus, and has the purpose of describing processes inherent to the creation of these signs. The data will be collected in four official videos of the Ministry of Health: one from TV Cultura (YouTube), stored in the Lexicographic-Neological Files and analyzed according to the phonological structure, the morphological structure and iconicity. The theoretical foundation is based in the studies of Quadros and Karnopp (2004), Alves (1994; 2007), Quadros (2019), Taub (2001) Perniss (2007) and Sousa (2019). The following signs were selected: CORONAVIRUS, GEL ALCOHOL, HOME ISOLATION, CIRCULATION OF PEOPLE, and PANDEMIC. The signs showed simple formations (CORONAVIRUS, CIRCULATION OF PEOPLE, and PANDEMIC), and composed (ALCOHOL GEL, and HOME ISOLATION). The iconic characteristics showed how the visual experience of the deaf is projected in the articulators from the semantic form of the prototypical referent, from a combination of parameters, whose hand and movement configurations, in most cases, represent the most relevant aspects in the codification of the lexical item. This study also highlighted the relationship between iconicity and metaphor in the creation of new lexical items.*

Keywords: Lexical Expansion; Brazilian Sign Language (Libras); Covid-1

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), conforme Quadros (2017), nasceu na comunidade surda brasileira, especialmente nos centros urbanos, no contato entre seus pares, e tornou-se a língua oficial dos surdos brasileiros, reconhecida legalmente por meio da Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626/2005.

A conquista legal da Libras trouxe grandes ganhos para a comunidade surda no que se refere ao acesso à informação, uma vez que, como lembra Quadros (2019, p. 18), trata-se de “uma língua usada para o ensino, para a arte, com representação ‘oral’ (visual-espacial) e escrita”, sendo, também, a língua para a recepção dessas linguagens.

Decorrente da Lei de Libras, a lei de acessibilidade (nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000), no capítulo VII, diz que é responsabilidade do poder público promover a eliminação de barreiras linguísticas e a formação de profissionais específicos nas áreas citadas. Conforme o art. 17, o Poder Público “[...] estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.” (BRASIL, 2000).

Desse modo, de acordo com Sousa, Lima e Santos Junior (2019), para que o sujeito surdo tenha acesso às informações necessárias ao seu direito como cidadão, além da possibilidade de aprender e entreter, os meios midiáticos passaram a utilizar mecanismos de acessibilidades, com o uso de janelas de tradução e legendas pois, “por sua característica visual, meios tecnológicos como celulares, tabletes, notebooks, aparelhos de TV são recursos extremamente importantes para a transmissão de informações entre e para os surdos.” (p. 223).

Como se sabe, o mundo está passando pela mais importante pandemia da história recente, causada pelo Novo Coronavírus (SARS-CoV-2), “identificado como causador de síndrome gripal e graves complicações pulmonares, a COVID-19.” (MEDEIROS, 2020, p. 2). Identificado em 2019, esse vírus tem causado grande impacto na saúde pública e mental das pessoas, e na organização de toda sociedade que, para se prevenir, passou a mudar seus hábitos de interação e de higienização.

Vale dizer que as informações oriundas dos órgãos oficiais, como o Ministério da Saúde (Federal), as Secretarias de Saúde (Estaduais e Municipais) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), relativas aos métodos preventivos, aos boletins com informações de infectados, às descobertas científicas, em sua maioria, chegam à população por meio de recursos midiáticos, para ouvintes e para surdos.

A pandemia causada pelo Covid-19 tem nos colocado em contato com termos e expressões que não eram tão comuns até então, como: pandemia, coronavírus, Covid-19, isolamento social, distanciamento social, etc. Seja em

língua oral, seja em língua de sinais, as informações devem chegar aos receptores de forma clara. No caso da Libras, muitos sinais novos foram criados para que a comunicação se desse de forma efetiva.

Alves (2007, p. 78) chama de neológicas “as unidades lexicais (formalmente novas ou que recebem um novo significado) criadas em um determinado momento histórico-social.” Há, segundo a linguista, razões diversas para a criação dos neologismos, mas se destaca “a necessidade de nomeação de objetos ou fatos novos.” (Idem). Maroneze e Alves (2010, p. 95) destacam que “a criação de novas unidades lexicais reflete mudanças tanto na estrutura da língua quanto na sociedade e na cultura que a utilizam.”

Apesar de coexistirem socialmente, as línguas de sinais e as línguas orais são independentes. A Língua Brasileira de Sinais apresenta a complexidade de um sistema linguístico, como qualquer língua natural, sendo capaz de estabelecer comunicação e ser analisada em todos os níveis que uma língua oral, quais sejam: fonético-fonológico, morfológico, léxico, sintático, semântico, pragmático e textual-discursivo. Sabendo que a língua de sinais é produzida a partir da modalidade visual-espacial, se questiona se os processos neológicos são semelhantes aos utilizados nas línguas orais.

Na esfera acadêmica, observa-se que as pesquisas voltadas às línguas de sinais começaram a ser desenvolvidas em um cenário bastante recente, quando comparadas ao desenvolvimento de estudos referentes às línguas orais. Aqui, destacamos duas pesquisas que tratam de criações neológicas em Libras: a de Santos (2017) e a de Souza Junior (2018).

Santos (2017) analisou neologismos no contexto acadêmico da Pontifícia Universidade Católica/MG, identificando processos de ampliação/renovação lexical na modalidade visuoespacial. Para atingir seu objetivo, o pesquisador observou contextos reais de sala de aula da graduação e realizou entrevistas individuais de modo a evidenciar aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na criação neológica. Após a análise, o *corpus* evidenciou os seguintes processos de criação de neologismos: processos semânticos; processos composicionais; iconicidade; empréstimo estereotipado; e empréstimos por transliteração.

Souza Junior (2018), por sua vez, identificou e analisou ocorrências neológicas no canal *Surdo Cult (YouTube)*, que trata de temas relacionados ao cinema. O pesquisador selecionou 34 sinais e verificou se havia registros em dicionários dos itens lexicais escolhidos. Em seguida, realizou entrevistas com sinalizantes fluentes em Libras, a fim de verificar se os itens selecionados, ainda que não fossem dicionarizados, faziam parte do vocabulário ativo e/ou passivo dos informantes. O *corpus* foi analisado de acordo com os parâmetros de formação dos sinais e organizados categoricamente de acordo com o processo de criação neológica, que são: derivação, composição, empréstimos, neologismo semântico, entre outros.

O presente artigo objetiva descrever os neologismos⁴ (ou Unidades Neológicas Sinalizadas - UNSs) presentes em 5 vídeos (4 do Ministério da Saúde e 1 da TV Cultura) relacionados ao Covid-19, disponíveis no *YouTube*. Para atingir esse objetivo, foi necessário: a) identificar as UNSs presentes em vídeos oficiais do Ministério da Saúde relacionados ao Coronavírus; b) armazenar as UNSs em fichas neológicas; c) analisar as UNSs quanto à estrutura fonológica e morfológica; d) analisar as UNSs quanto à iconicidade; e e) verificar o tipo de formação neológica dos itens lexicais.

Metodologia

Este estudo se caracteriza como qualitativo, uma vez que constitui uma proposta de análise descritivo-interpretativa, permitindo a análise de dados dos neologismos em Libras ou das UNSs, com base: na estrutura fonológica dos sinais neológicos (fonológica); no tipo de formação morfológica do sinal; na relação entre a criação do novo item lexical e sua referência icônica; e no tipo de processo neológico utilizado pelo sinalizante.

Os dados foram coletados no *YouTube*, em 4 vídeos do canal do Ministério da Saúde, e 1 vídeo da TV Cultura que tratam sobre o Covid -19, já que apresentam uma janela de interpretação em Libras. Os dados sobre os vídeos analisados são apresentados no Quadro 1, a seguir:

⁴ No presente estudo os termos *neologismo*, *unidade neológica*, *item neológico* serão usados como sinônimos.

Quadro 1 – Vídeos para análise

	Título do Vídeo/Canal	Link
1	O que é Coronavírus (Covid 19)? Canal do Ministério da Saúde	https://www.youtube.com/watch?v=6K8i9PRSl64
2	Coronavírus – o que você precisa saber e fazer Canal do Ministério da Saúde	https://www.youtube.com/watch?v=eUxx6ev16Wk
3	Coronavírus – isolamento domiciliar Canal do Ministério da Saúde	https://www.youtube.com/watch?v=9EM462y_dJ0
4	Coronavírus – isolamento de idosos	https://www.youtube.com/watch?v=ehYCW-GwEVE
5	Dia Nacional da Libras: Grupo cria site com informações da Covid-19 específico para surdos Canal TV Cultura	https://www.youtube.com/watch?v=BvZB1bMrQEY

Fonte: elaborado pelos autores

Ao analisarmos os vídeos, encontramos cinco unidades neológicas sinalizadas: CORONAVÍRUS, ALCOOL EM GEL, CIRCULAÇÃO DE PESSOAS, ISOLAMENTO DOMICILIAR e PANDEMIA. Após selecionados, os sinais foram armazenados em *Fichas Lexicográfico-Neológicas*, cujos espaços para preenchimento são: a) **UNS**: Neologismo em Libras (vídeo); b) **UNS Sign Writing**: escrita da UNS no sistema *Sign Writing*; c) **Estrutura fonológica das UNSs**: descrição dos parâmetros de formação da UNS; d) **Estrutura morfológica das UNSs**: descrição dos elementos morfológicos que compõem o sinal; e) **Classificação morfológica das UNSs**: classificação da UNS quanto à formação morfológica: simples; simples híbrida; composta; composta híbrida (SOUSA, 2019); f) **Referência Icônica das UNSs**: indicação da referência icônica (semântico-motivacional) na criação da UNS; g) **Referência Estrangeira da UNS**: indicação da referência motivacional em outras línguas sinalizadas para a criação do sinal (a UNS), quando for o caso,

ou empréstimo total da UNS; h) **Contexto**: transcrição do contexto de caráter definitório da UNS, a partir do vídeo-fonte; i) **Vídeo-fonte**: vídeo do qual foi extraída a UNS, contendo *link* e indicação do tempo exato em que a UNS aparece; j) **Pesquisador**: responsável pela coleta dos dados e preenchimento da ficha; l) **Revisor**: pesquisador coordenador responsável pela pesquisa; m) **Data da coleta**: registro da data em que as informações foram preenchidas.

Com os dados armazenados, foi realizada a análise quanto à estrutura fonológica, quanto à formação morfológica e quanto à iconicidade, como descritos a seguir:

Em relação à **estrutura fonológica**, segundo Quadros e Karnopp (2004) e Quadros (2019), os sinais em línguas de sinais são formados (fonologicamente) a partir dos seguintes parâmetros: Configuração de Mão (CM); Ponto de Articulação (PA); Movimento da Mão (M); Orientação (O); e Expressões Não-Manuais (ENM). Os três primeiros parâmetros foram propostos por Stokoe (2005 [1960]) e os dois últimos por Battinson (1978). Diferentemente do que acontece com as línguas de modalidade oral-auditiva (como o Português, o Inglês, o Espanhol), que têm produção fonético-fonológica sequencial, nas línguas de modalidade visual-espacial (como é o caso da Libras, da Língua de Sinais Americana, a Língua Gestual Portuguesa), a produção fonético-fonológica é simultânea.

Quanto à **estrutura morfológica**, Aronoff, Meir e Sandler (2005) explicam que a morfologia das línguas sinalizadas dá conta das estruturas internas dos sinais (morfemas e todas as dimensões concernentes a eles), observando aspectos relacionados à distribuição, classificação, variantes, processos de formação e derivação dos sinais – tanto no que diz respeito à morfologia simultânea, quanto em relação à morfologia sequencial. Sobre isso, afirma Quadros (2019, p. 65):

A morfologia simultânea consiste na superposição da estrutura morfológica da unidade canônica locação-movimento-locação. Assim, um movimento se sobrepõe aos movimentos existentes determinando a flexão morfológica. [...] Por outro lado, na morfologia sequencial (derivacional), adicionam-se elementos que se ligam concatenadamente aos sinais como afixos, resultando em um processo de gramaticalização dessas línguas.

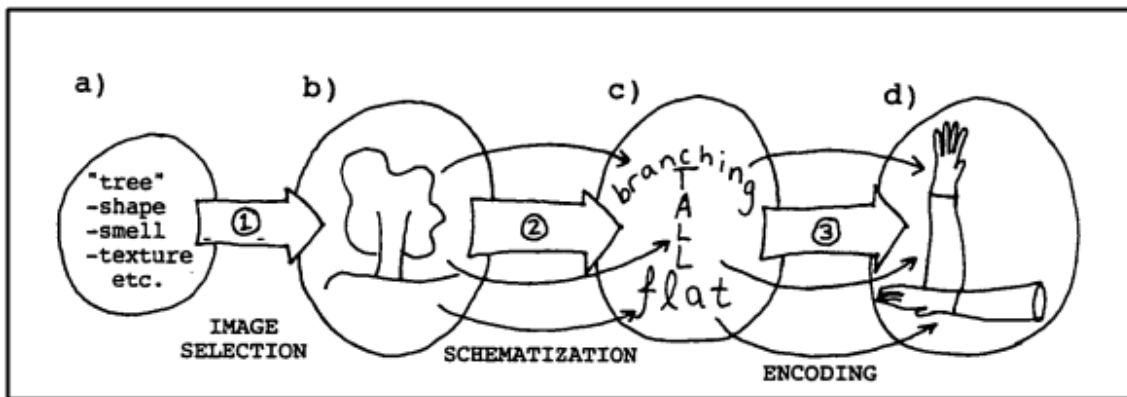
Sousa (2019), em estudo sobre as formações morfológicas dos sinais que designam espaços geográficos, apontou quatro tipos de formação: a) simples, quando possui apenas um formante na língua de sinais nativa; b) simples híbrida, quando possui apenas um formante com empréstimo de língua oral; c) composta, quando possui mais de um formante da mesma língua de sinais nativa; e d) composta híbrida, quando possui mais de um formante, sendo um da língua de sinais nativa e outro com empréstimo de língua oral, ou outra língua de sinais diferente da nativa.

A **iconicidade** é definida como “a relação direta entre a forma de uma palavra e seu significado.” (TRASK, 2004, p. 141). Em relação às línguas de sinais, Perniss (2007) observa que a modalidade visual-espacial influencia a estrutura fonológica e morfossintática. Desse modo, segundo a pesquisadora, a iconicidade pode criar efeitos de modalidade em certos campos da expressão linguística. Tanto o espaço visual tridimensional em que as línguas de sinais são produzidas, quanto os articuladores que se movem dentro dele são adequados para representação de informação espacial como forma, localização, movimento e ação.

Para Perniss (2007), a iconicidade pode ser, portanto, considerada a estrutura que integra o sistema de linguagem e que reflete correspondências entre uma forma linguística e seu significado. A base para um signo icônico é a imagem prototípica do referente que representa. Quadros (2019, p. 115-116) afirma que “a iconicidade parece motivar, pelo menos inicialmente, a formação de vários sinais” no nível fonológico e na construção do léxico em Libras.

Taub (2001) explica que os itens lexicais icônicos são formados a partir de um processo que inclui três etapas: seleção (*image selection*), esquematização (*schematization*) e codificação (*encoding*), como mostrado na Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Construção de itens icônicos



Fonte: Taub (2001, p. 73).

A etapa da seleção corresponde à escolha de uma imagem representativa e coerente com o referente. A etapa da esquematização corresponde à reformulação da imagem representativa, em seus aspectos mais relevantes, que possam se estruturar na articulação fonética e na construção semântica da língua, e a etapa da codificação corresponde à materialização da forma linguística - o sinal propriamente dito.

Levamos em consideração, ainda, a seguinte **classificação dos neologismos** proposta por Alves (1994): *neologismo fonológico* (quando o item lexical possui significante totalmente inédito na língua em questão); *neologismo sintático* (quando o item lexical é formado pela combinação de elementos já existentes na língua em questão); *neologismo semântico* (quando um novo significado é dado a um item léxico cujo significante não apresentou alteração); e *neologismo por empréstimo* (quando um item de uma língua estrangeira é incorporado a uma língua nativa).

Resultados e discussões

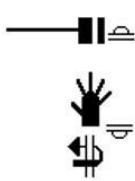



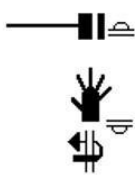



Os itens neológicos selecionados foram analisados individualmente. O primeiro momento da análise se deu a partir da descrição dos parâmetros fonológicos de formação dos sinais. Utilizamos um quadro com a divisão dos sinais selecionados a partir de seus parâmetros de formação. Os sinais foram escritos em *SignWriting*⁵ para a visualização dos traços articulatórios e para a

⁵ O *Signwriting* é um sistema de escrita para as línguas de sinais que tomam como base os parâmetros fonológicos de formação dos sinais: configuração de mão, ponto de articulação, orientação da palma da mão, movimento e expressões não-manuais.

valorização da escrita em línguas sinalizadas. Serão destacados os seguintes parâmetros: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação da Palma da Mão (OR), Movimento (MOV) e Expressões Não-Manuais (ENM).

O sinal CORONAVÍRUS apareceu em todos os vídeos analisados. No Quadro 2, a seguir, apresentamos a estrutura fonológica desse sinal.

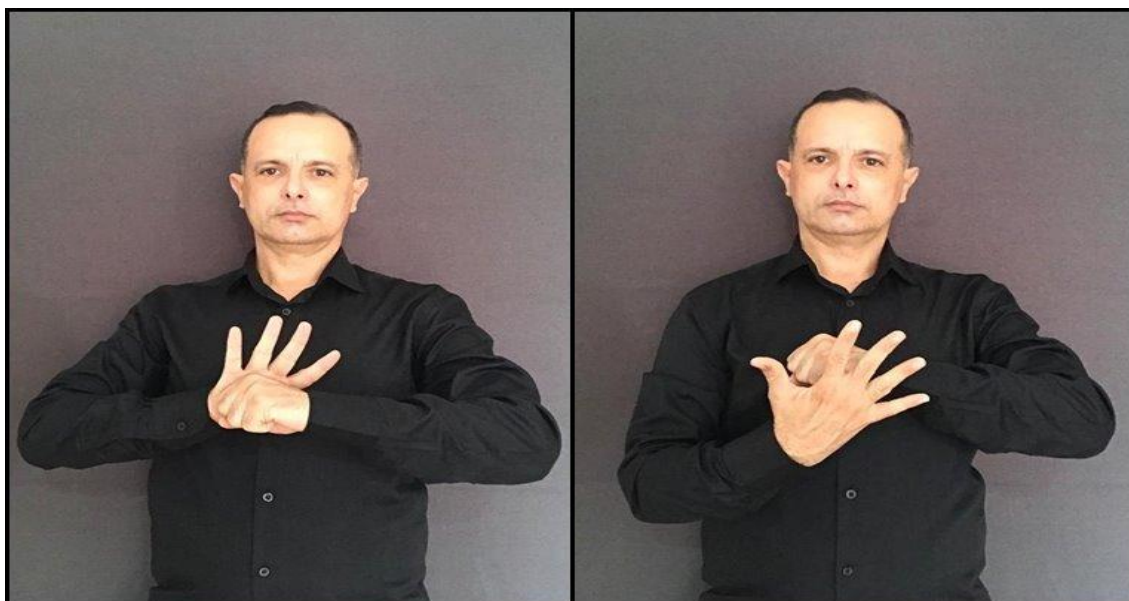
Quadro 2 – Estrutura Fonológica do sinal CORONAVÍRUS

CORONAVÍRUS	CM	PA	OR	MOV	ENM
	 	Espaço neutro	<p>Mão esquerda com palma para baixo.</p> <p>Mão direita com palma espalmada para frente.</p>		Não há
CORONAVÍRUS	CM	PA	OR	MOV	ENM
	 	Espaço neutro	<p>Mão esquerda com palma para baixo.</p> <p>Mão direita com palma espalmada para frente.</p>		Não há

Fonte: elaborado pelos autores.

O sinal CORONAVÍRUS é realizado com as duas mãos. A mão esquerda passiva (sem movimento) está em configuração em punho fechado, com a palma da mão direcionada para baixo. A mão direita (mão ativa), espalmada, faz um movimento semicircular, contornando a mão esquerda (passiva). O sinal é executado em espaço neutro, à frente do corpo, ou seja, sem contato, como pode ser observado na Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Sinal CORONAVÍRUS

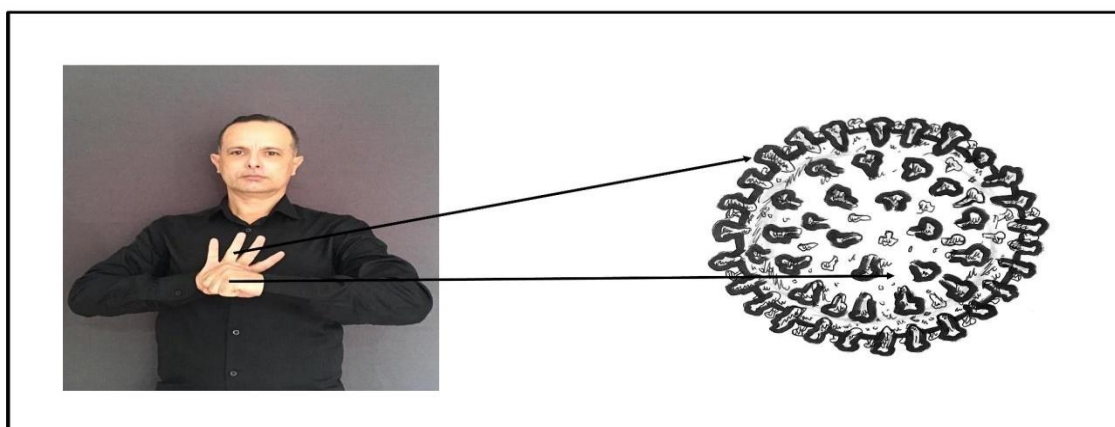


Fonte: elaborado pelos autores.

Morfologicamente, trata-se de um sinal simples, ou seja, que possui um único formante em língua nativa. A produção do sinal tem início com o dorso da mão para o sinalizador (a pessoa que está produzindo o sinal) e termina com a palma da mão aberta, orientada para a direção do sinalizador.

A estrutura articulatória do sinal CORONAVÍRUS codifica as características do referente na produção do sinal. Como podemos ver na Figura 3, trata-se de uma referência que motivou a criação do sinal a partir de traços visuais, estabelecendo uma relação transparente entre “sinal” e “referente icônico”.

Figura 3 – Referente icônico de CORONAVÍRUS



Fonte: elaborado pelos autores.

O sinal ilustra o modelo de criação analógica de sinais proposto por Taub (2001), que toma como base a imagem prototípica do referente: as características visuais do coronavírus (imagem circular, com coroas em sua estrutura) são tomadas para a esquematização e, em seguida, para a codificação do sinal. O item lexical CORONAVÍRUS constitui um tipo de neologismo fonológico pelo fato de constituir um significante absolutamente novo no sistema linguístico da Língua Brasileira de Sinais (ALVES, 1994).

O sinal ÁLCOOL EM GEL, cuja estrutura fonológica é apresentada no Quadro 3, a seguir, apareceu nos vídeos 2, 4 e 5.

Quadro 3 - Estrutura Fonológica do sinal ÁLCOOL EM GEL

ÁLCOOL EM GEL	CM	PA	OR	MOV	ENM
			Mão direita com palma para trás.	*	Não há
		Espaço neutro	Mão esquerda com palma para cima. Mão direita com palma para frente na diagonal.	●	

Fonte: elaborado pelos autores.

O sinal ÁLCOOL EM GEL possui dois formantes. O primeiro é articulado pela mão direita (ativa) com as pontas dos dedos unidos, em movimentos circulares, tocando no bíceps. O segundo formante é articulado com a mão direita em configuração, fazendo referência à ação de dosar o álcool em gel, direcionado para baixo, e o polegar, em movimento flexivo. A

mão esquerda (passiva) fica aberta com a palma direcionada para cima, fazendo referência à mão que recebe o álcool em gel. O sinal é executado em espaço neutro, à frente do corpo, ou seja, sem contato.

Figura 4 – Sinal ÁLCOOL EM GEL

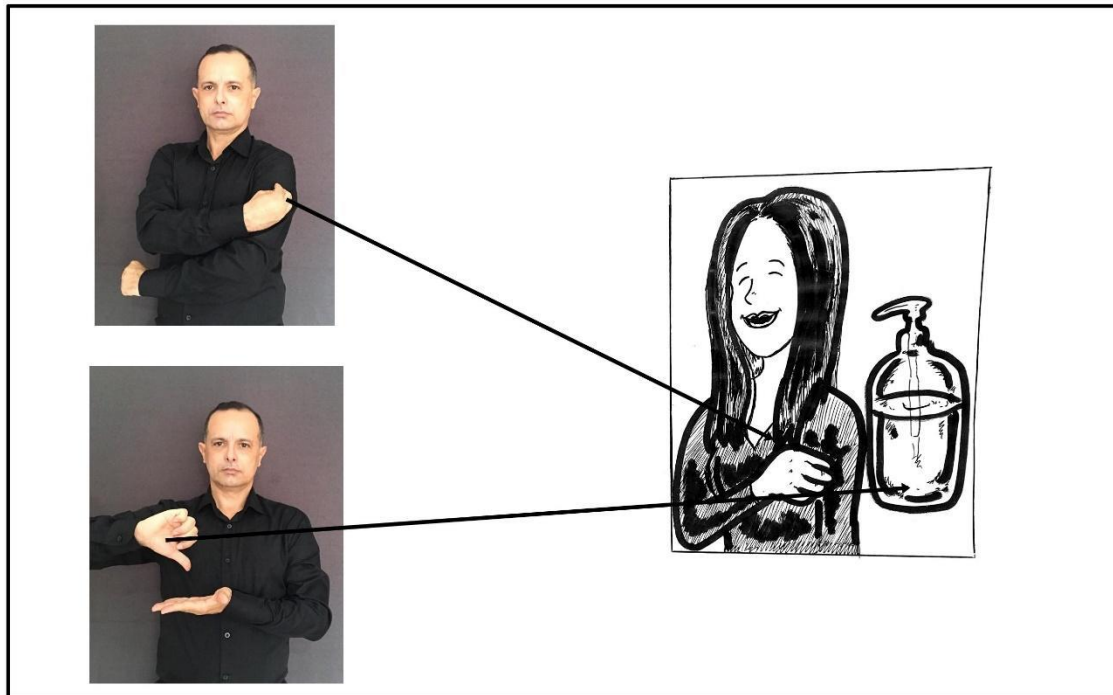


Fonte: elaborado pelos autores.

Morfologicamente, trata-se de um sinal composto, com dois formantes, em língua nativa, como pode ser visualizado na estrutura apresentada no Quadro 3.

Na Figura 5, a seguir, ilustramos a relação entre o sinal ÁLCOOL EM GEL e seu referente icônico, cuja estrutura remete a duas referências codificadas na estrutura morfológica do sinal.

Figura 5 – Referente icônico de ÁLCOOL EM GEL



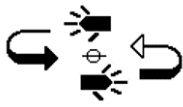


Fonte: elaborado pelos autores.

Quanto à primeira referência icônica, percebemos que os parâmetros formadores do sinal remetem à imagem prototípica de alguém passando álcool na parte superior do braço. Essa imagem visual é esquematizada e codificada no primeiro formante morfológico do sinal composto. Em seguida, temos a segunda referência icônica: as características físicas do recipiente do álcool em gel, esquematizada e codificada a partir da configuração da mão do sinalizante. É importante perceber que, na criação do novo sinal, a estrutura imagética preserva os aspectos mais salientes da percepção visual do sujeito Surdo. O sinal ÁLCOOL EM GEL constitui um tipo de neologismo sintático pois é formado pela combinação de dois elementos que já existem na língua (ALVES, 1994).

O Quadro 4 apresenta a estrutura fonológica do sinal CIRCULAÇÃO DE PESSOAS, que apareceu nos vídeos 4 e 5.

Quadro 4 - Estrutura Fonológica do sinal CIRCULAÇÃO DE PESSOAS

CIRCULAÇÃO- DE-PESSOAS	CM	PA	OR	MOV	ENM
---------------------------	----	----	----	-----	-----

		<p>Espaço neutro</p>	<p>Mão esquerda com palma para baixo.</p> <p>Mão direita com palma para baixo.</p>		<p>Não há</p>
---	---	----------------------	--	---	---------------

Fonte: elaborado pelos autores.

O sinal CIRCULAÇÃO DE PESSOAS é formado pelas duas mãos ativas espalmadas, com as palmas direcionadas para baixo. O movimento é circular e simultâneo, de forma que ambas as mãos se entrecruzam sem haver contato: a mão esquerda faz movimento circular de dentro para fora, e a mão direita faz movimento circular de fora. O sinal é executado em espaço neutro, à frente do corpo, ou seja, sem contato.

Figura 6 – Sinal CIRCULAÇÃO DE PESSOAS

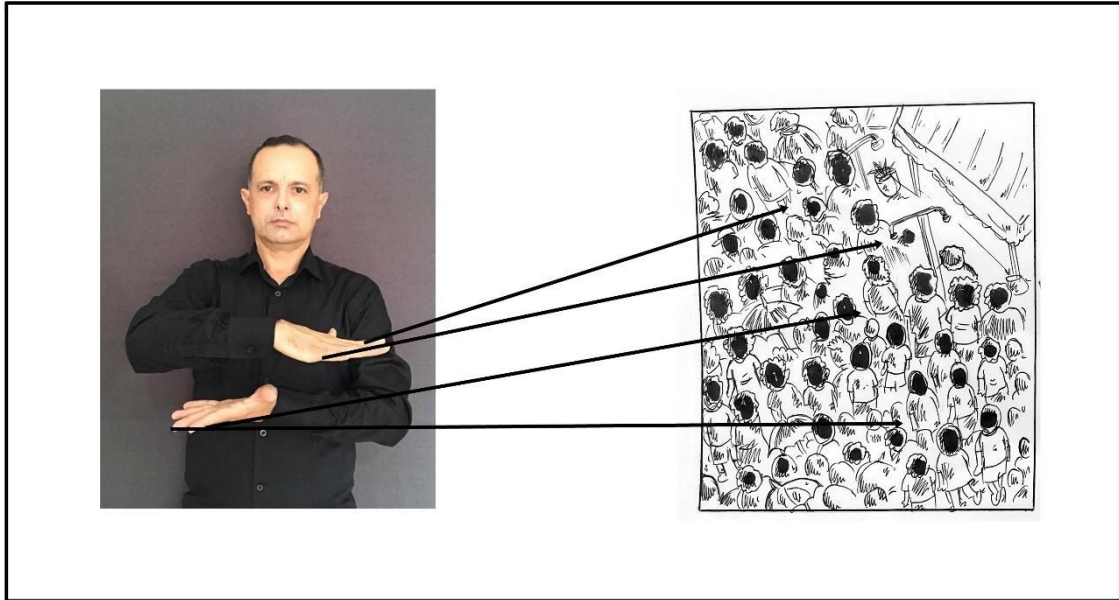


Fonte: elaborado pelos autores.

Morfologicamente, o sinal é classificado como simples, de acordo com a classificação de Sousa (2019), com o formante em língua nativa.

A referência icônica na criação do sinal CIRCULAÇÃO DE PESSOAS pode ser observada na Figura 7, a seguir.

Figura 7 – Referente icônico de CIRCULAÇÃO DE PESSOAS







Fonte: elaborado pelos autores

Para a criação do sinal CIRCULAÇÃO DE PESSOAS, foram levadas em consideração a correspondência imagética dos parâmetros de formação do sinal, em especial a configuração de mãos e os movimentos, e a imagem prototípica de pessoas circulando em aglomerações, isso na etapa de esquematização proposta por Taub (2001). A codificação, na criação do item lexical icônico, se estabelece por meio das mãos abertas e os dedos fazendo referência às pessoas. Ao mesmo tempo, o movimento circular das mãos projeta a imagem da circulação de pessoas. O processo de criação constitui uma escolha de um traço mais visualmente relevante e prototipicamente característico do modelo imagético do referente.

O sinal CIRCULAÇÃO DE PESSOAS constitui um tipo de neologismo semântico, uma vez que o significante já existe em Libras para “multidão”, com o acréscimo da expressão não-manual boca com língua em movimento. No momento atual, o significado está relacionado ao contexto da pandemia, seja para “circulação de pessoas”, seja para “aglomeração”.

O sinal ISOLAMENTO DOMICILIAR, descrito fonologicamente no Quadro 5, a seguir, apareceu nos vídeos 3 e 5.

Quadro 5 - Estrutura Fonológica do sinal ISOLAMENTO DOMICILIAR

<i>ISOLAMENTO DOMICILIAR</i>	CM	PA	OR	MOV	ENM
		<p>Espaço neutro</p>	<p>Mão esquerda com palma para trás.</p>		<p>Não há</p>
		<p>Batendo nas pontas dos dedos</p>	<p>Mão direita com palma para trás.</p>	<p>Mão para o lado esquerdo na diagonal para baixo.</p> <p>Mão para o lado direito na diagonal para baixo.</p>	

Fonte: elaborado pelos autores.

O sinal ISOLAMENTO DOMICILIAR possui dois formantes. O primeiro é articulado com a mão esquerda (passiva) em “C” e a mão direita (ativa) com o dedo indicador apontado para cima, e que faz movimentos circulares no interior da primeira mão. O segundo formante é articulado com as duas mãos ativas, abertas, com os dedos unidos, em movimento simultâneo e sincronizado, em diagonal, tocando as pontas dos dedos de ambas as mãos. O sinal é realizado em espaço neutro.

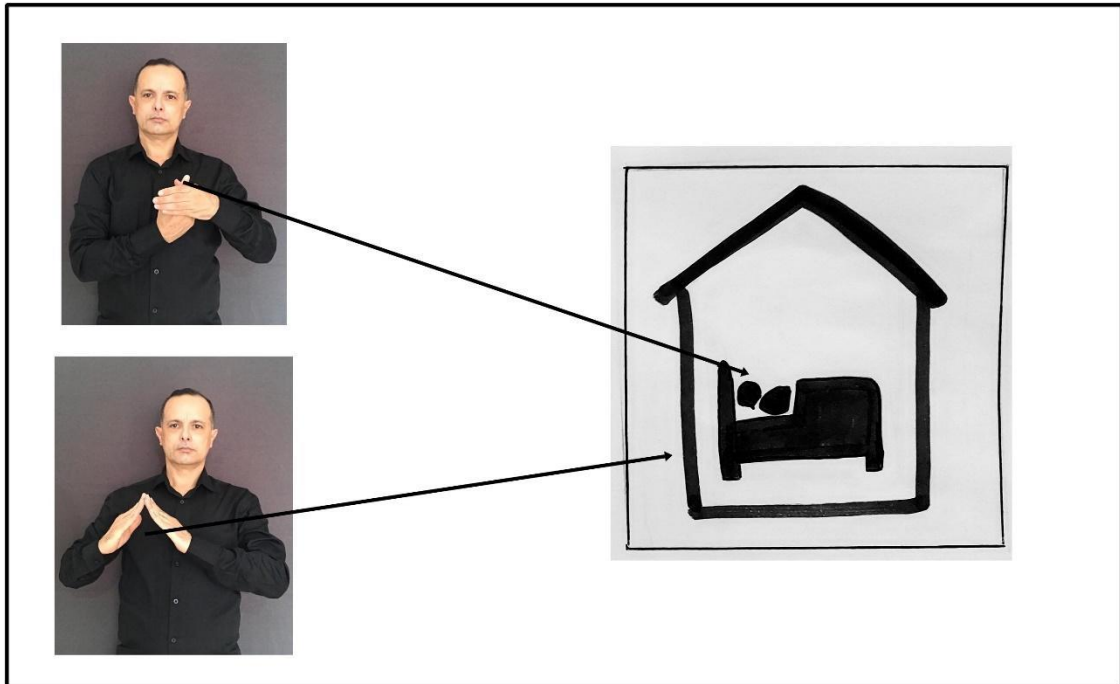
Figura 8 – Sinal ISOLAMENTO DOMICILIAR



Fonte: elaborado pelos autores.

Morfologicamente, trata-se de um sinal composto, de acordo com a classificação de Sousa (2019), com dois formantes SOZINHO e CASA em língua nativa. O processo de criação do item lexical se deu a partir da junção de dois itens lexicais já existentes no repertório lexical da Libras: SOZINHO e CASA, como se pode observar na Figura 9, a seguir, que ilustra a referência icônica da criação do sinal.

Figura 9 – Referente icônico de ISOLAMENTO DOMICILIAR



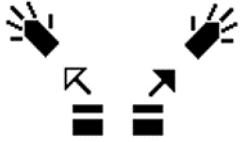




Fonte: elaborado pelos autores.

O processo de construção do novo item lexical se deu a partir de dois referentes icônicos já estabelecidos, como já mencionado, no uso da Língua Brasileira de Sinais. No primeiro estágio, apresenta-se a referência do sinal SOZINHO, cujo dedo indicador estendido dentro da outra mão em “C” indica a pessoa isolada. No segundo estágio, as mãos fazem referência ao sinal CASA. Nota-se que esse último sinal é codificado a partir da esquematização do teto da casa, em um processo metafórico.

A estruturação do sinal se estabelece em uma esquematização em conjunto (e não dos sinais em separado), em que se indica “o sujeito sozinho dentro de casa”. O processo se dá a partir de esquemas ligados à experiência visual do surdo projetada na imagem prototípica do referente, como estabelecido por Taub (2001). O item neológico ISOLAMENTO DOMICILIAR constitui, segundo Alves (1994), um tipo de neologismo sintático, uma vez que é criado a partir da combinação de dois elementos já existentes em Libras: SOZINHO e CASA.

O sinal PANDEMIA, cuja descrição fonológica é apresentada no Quadro 6, apareceu nos vídeos 1 e 5.

Quadro 6: Estrutura Fonológica do sinal PANDEMIA

PANDEMIA	CM	PA	OR	MOV	ENM
	 	Espaço neutro	<p>Duas mãos direita/esquerda a espalmadas com palmas para baixo.</p> <p>Duas mãos direita/esquerda a fechadas com palmas para baixo.</p>	 	Não há

Fonte: elaborado pelos autores.

O sinal PANDEMIA possui um único formante, realizado em duas etapas. Na primeira, as duas mãos (ativas) estão com os punhos cerrados, no espaço à frente do corpo e bem próximo ao tórax, mas sem tocá-lo. No segundo momento, as mãos se abrem fazendo movimento para a frente, se afastando do corpo, em direção diagonal, sendo que a mão esquerda vai em direção à diagonal esquerda, e a mão direita vai em direção à diagonal direita. O sinal é executado em espaço neutro, à frente do corpo, ou seja, sem contato, como pode ser visto na Figura 10, a seguir.

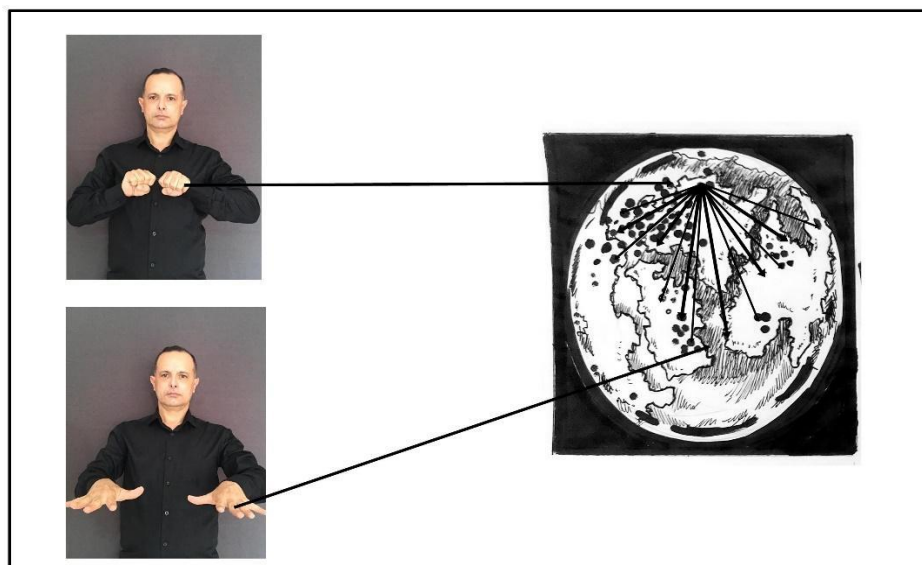
Figura 10 – Sinal PANDEMIA



Fonte: elaborado pelos autores.

Morfologicamente, trata-se de um sinal simples em língua nativa (SOUSA, 2019). A criação do novo item lexical se estabelece a partir de uma relação icônica entre o referente visual e seu sinal codificado, como ilustrado na Figura 11, a seguir:

Figura 11 – Referente icônico de PANDEMIA



Fonte: elaborado pelos autores.

Como se vê, o sinal PANDEMIA é produzido em dois estágios: um inicial, cujos parâmetros remetem ao momento inicial da pandemia, em que as mãos estão fechadas e próximas ao corpo; e outro, no estágio final, em que os parâmetros se modificam de modo que as mãos se abrem e se distanciam do corpo, fazendo referência ao alastramento da pandemia pelo mundo.

A esquematização se projeta no ponto inicial de surgimento do Novo Coronavírus e a forma como se espalhou pelo mundo. A codificação se estabeleceu a partir dos traços articulatórios do sinal, com especial destaque para a configuração das mãos e para o movimento que remete às características icônicas do referente. Vale ressaltar que esse sinal constitui um tipo de neologismo semântica, conforme Alves (1994), pois a forma do sinal já existia para ESPALHAR ou DISSEMINAR, e passou a ganhar um novo significado para o fenômeno da Pandemia.

Considerações finais

Sabe-se que a Libras, como as demais línguas de sinais do mundo, é de modalidade visual-espacial. O sistema linguístico se estabelece visualmente, em todos os níveis de produção: desde o fonético-fonológico até o discursivo-textual. É importante destacar, portanto, que a referência visual é característica

primordial na expansão lexical em Libras, cuja experiência visual e a percepção da realidade física formam esquemas imagéticos que possibilitam ao surdo o entendimento e a compreensão de mundo.

Desse modo, ao produzir sinais para nomear e categorizar as coisas do mundo, os traços articulatórios poderão construir codificações icônicas de forma mais transparente ou mais opaca (TAUB, 2001, PERNISS, 2007; QUADROS, 2019). Os novos sinais, criados por ocasião da pandemia do Novo Coronavírus, selecionados para o presente estudo, mostram as correspondências entre as características articulatórias dos sinais e as propriedades visuais de seus referentes.

Ao analisar os sinais selecionados para este estudo, vimos que os itens CORONAVÍRUS, CIRCULAÇÃO DE PESSOAS e PANDEMIA apresentam formação morfológica simples, porque se constituem de um único formante. Todas as formações são nativas, ou seja, próprias da Libras.

Os sinais ÁLCOOL EM GEL e ISOLAMENTO DOMICILIAR, contudo, apresentam formações compostas, com seus formantes em língua nativa. O ÁLCOOL EM GEL, por exemplo, é formado pelos sinais ÁLCOOL + GEL, e o sinal ISOLAMENTO SOCIAL é formado pelos sinais SOZINHO + CASA.

As características icônicas dos sinais estudados mostram como a experiência visual do surdo se projeta nos articuladores, como forma esquemática do referente prototípico, a partir da combinação de parâmetros, cujas configurações de mãos e movimentos, na maioria das vezes, representam os aspectos mais relevantes na codificação do item lexical, como demonstraram Taub (2001) e Perniss (2007). Vale destacar, ainda, que há uma combinação entre iconicidade e metáfora nas produções dos sinais, embora não tenhamos enfatizado essas relações de forma veemente nas análises realizadas. Por fim, nos dados analisados, foram verificadas ocorrências de neologismos dos tipos: fonológico, sintáticos e semânticos, conforme classificação proposta por Alves (1994).

Referências

- ALVES, Ieda Maria. Neologia e níveis de análise linguística. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia III. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007, p. 77-92.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**. Criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.
- ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; SANDLER, Wendy. The paradoxo of sign language morphology. **Language**, Michigan, v. 81, n. 2, p. 301-344, 2005.
- BRASIL. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que **dispõe sobre a língua brasileira de sinais** – libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicado no Diário Oficial de União, Brasília, 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção de acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida**. Brasília, 2000.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que **dispõe sobre a língua brasileira de sinais e dá outras providências**.
- BRASIL. Portaria 310 de 27 de 2 de dezembro de 2004. Ministérios das Comunicações. Norma Complementar nº 01/2006 – **Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens de retransmissão de televisão**. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/442-portaria-310>. Acesso em: 16 jun. 2019.
- BATTINSON, R. **Lexical Borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em Português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- MARONEZE, Bruno Oliveira; ALVES, Ieda Maria. Neologismos formados pelos sufixos -ção, -mento e -agem no português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia III. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010, p. 95-112.
- MEDEIROS, Eduardo Alexandrino Servolo. Desafios para o enfrentamento da pandemia Covid-19 em hospitais universitários. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 38, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020086>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- PERNISS, Pamela. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**. 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937>. Acesso em: 5 maio 2020.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de herança**: Língua Brasileira de Sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Hadassa Rodrigues. **Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Belo Horizonte, 2017.

SOUSA, Alexandre Melo de.; LIMA, Israel Queiroz de.; SANTOS JUNIOR, João Renato dos. Libras e acessibilidade em vídeos para surdos: discussões e diretrizes. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 74, p. 221-232, 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado em Linguística Aplicada/Libras). Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2019.

SOUZA JÚNIOR, Fábio Vieira de. **Neologismos em Libras**: identificação e análise de novos sinais a partir de um canal do Youtube. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

STOKOE, William. Sign Language Structure: an outline os the visual communication systems of the american deaf. **Journal of deaf studies and deaf education**, Oxford, v. 10, n. 1, p. 3-37, 2005.

TAUB, Sarah F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

Recebido em: 24-10-2020

Aprovado em: 18-12-2020